

# abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual  
Clipping da imprensa

*Brasília, 16 de maio de 2022 às 08h06*  
*Seleção de Notícias*

## Metrópolis Online | DF

Pirataria | Biopirataria

**No DF e na Noruega, Brasil protege suas sementes do fim do mundo . . . . . 3**  
GUSTAVO MORENO | METRÓPOLES

## Por dentro de Minas | MG

13 de maio de 2022 | Marco regulatório | INPI

**Empresa inova no registro de Marcas e Patentes - Por Dentro de Minas . . . . . 7**  
ANDRÉ LUÍS

## No DF e na Noruega, Brasil protege suas sementes do fim do mundo

Agricultores tradicionais da região da Chapada dos Veadeiros, em Goiás, que faziam esforço, no início dos anos 2, para resgatar técnicas ancestrais, se depararam com um dilema: a planta bem adaptada ao cerrado que eles chamavam de Trigo Veadeiro, cujo cultivo começou nos anos 17, parecia ter sido extinta após décadas de substituição por variedades comerciais.

Essa história, porém, teve um final feliz, porque havia amostras de sementes bem guardadas em um "cofre" gelado da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) em Brasília. Hoje, a espécie foi reintroduzida em fazendas de algumas cidades, como Alto Paraíso, e voltou a fazer parte do cotidiano econômico e alimentar do local.

Guerras, catástrofes climáticas ou mesmo a passagem cotidiana do tempo podem colocar em risco a segurança alimentar de populações inteiras. A fim de proteger o presente e o futuro de sua agricultura, os países costumam guardar em locais seguros o material genético das plantas usadas na alimentação de seu povo, tanto para pesquisa quanto para garantir a reposição em caso de emergência.

Esses locais seguros são os bancos de germoplasma (ou de sementes), mantidos por instituições públicas e privadas para garantir que a nossa comida continue existindo.

Só a Embrapa mantém 165 bancos de sementes no país, e universidades, entidades estaduais de pesquisa agropecuária e até os próprios agricultores se unem ao esforço de proteger a história genética de nossas plantas agriculturáveis.

Esses bancos servem ao uso cotidiano e repõem sementes para o agronegócio e para comunidades tradicionais sempre que necessário, mas há um banco da Embrapa em Brasília, no Centro Nacional de

**Recursos** Genéticos (Cenargen), que guarda essas sementes com uma técnica que garante a viabilidade delas por centenas de anos.

No local, no fim da Asa Norte, há 12 mil amostras de mil espécies do mundo inteiro (mas cultivadas no local) lacradas em saquinhos que ficam em câmaras em que a temperatura é mantida a -18°C, e a umidade não passa dos 1%.

"Essas sementes são representantes da variabilidade genética das espécies, servem como repositório de genes para trabalhar com essas espécies. A gente pode, por exemplo, adaptar as plantas às mudanças climáticas e a novas doenças que possam surgir ou que chegam de outros países. São genes à disposição de programas de melhoramento, de pesquisas, e para garantir a reposição quando desaparecem fora daqui, algo que já aconteceu e pode acontecer no futuro", explica a pesquisadora Aluana Gonçalves de Abreu, supervisora de Curadorias de Germoplasma Vegetal da Embrapa **Recursos** Genéticos e Biotecnologia.

O Cofre do Fim do Mundo As sementes mais significativas dessa importante coleção são "depositadas" pelo mundo em outro banco de sementes, a mais de 11 mil km de distância de Brasília. É o Cofre Global de Sementes de Svalbard, que foi escavado dentro de uma montanha de rocha maciça num dos locais mais remotos do planeta e projetado para resistir a furacões, terremotos e até ataques com armas nucleares.

Além da proteção garantida pela Noruega, e da distância do local para qualquer outra região habitada, o Cofre do Fim do Mundo conta com camadas naturais de segurança. Acima da rocha maciça, o solo fica permanentemente congelado, o chamado permafrost. E, no gelo, o "esconderijo" é "guardado" por centenas de ursos polares que vivem no arquipélago e são extremamente agressivos.

Continuação: No DF e na Noruega, Brasil protege suas sementes do fim do mundo

581372556\_2fd99c4fd\_c

O Cofre Global de Svalbald fica encravado numa montanha remota em uma ilha que pertence a Noruega

5812973793\_2a9bf87ff\_c

Só a porta da instalação fica visível. Dentro, há três câmaras preparadas para conservar o material genético por centenas de anos

3854696881\_72aabed7d\_c

Ilustração mostra como é o interior da instalação de segurança máxima

233621263\_cfa8ed1fe\_c

O Cofre do Fim do Mundo recebe depósitos de sementes de instituições de pesquisa e também de povos tradicionais, como estes indígenas peruanos, que levaram um carregamento de batatas em 211

5813677976\_5367f3d4a\_c

O cofre é aberto de duas a três vezes por ano, para receber os novos depósitos. O "esconderijo" já guarda mais de 1 milhão de sementes

385232646\_657efaac\_c

Cenas da construção do Cofre do Fim do Mundo, inaugurado em 28Mari Tefre/

Cenas da construção do Cofre do Fim do Mundo, inaugurado em 28Mari Tefre/

3852322158\_f5bfe53e\_c

Cenas da construção do Cofre do Fim do Mundo, inaugurado em 28

359227866\_16659933d2\_c

Cenas da construção do Cofre do Fim do Mundo, inaugurado em 28Cary Fowler/

Essa espécie de Arca de Noé vegetal guarda, em segurança máxima, 1,1 milhão de amostras de sementes de 5,4 mil espécies vegetais, enviadas por mais de mais de 8 países desde 28, quando essa ambiciosa iniciativa internacional foi lançada.

A iniciativa foi uma parceria da Noruega (que administra o arquipélago de Svalbald) com uma organização financiada por governos de países ricos e por instituições filantrópicas, como a Fundação Bill & Melinda Gates.

O manda amostras para o local desde 212 e prepara nova remessa para este ano. Já são cerca de 5 mil amostras brasileiras guardadas no banco de sementes mais seguro do planeta.

"A primeira remessa, de 212, tinha sementes de mais de mil espécies de arroz, feijão e milho, que, apesar de não serem nativas do , são centrais na nossa alimentação", conta a pesquisadora da Embrapa Rosa Lia Barbieri, que faz parte do conselho de administração do Cofre do Fim do mundo e foi a única brasileira a colocar os pés no local até hoje.

"Depois, em 22, enviamos mais milho e arroz, além de hortaliças, mas eram outras espécies, as chamadas crioulas, que não são as de uso comercial em larga escala, mas guardam a memória genética do que plantávamos antes das novas variedades", completa Rosa Lia.

O critério de escolha das amostras que já estão preparadas em Brasília para o próximo embarque foi a origem legitimamente nacional. "Vamos levar sementes de caju, que é uma planta local, domesticada pelos povos originários desde antes da chegada dos portugueses; maracujás silvestres e forrageiras, que muita gente chama de pasto. Elas não são usadas diretamente na nossa alimentação, mas alimentam o nosso gado", explica a pesquisadora da Embrapa.

Continuação: No DF e na Noruega, Brasil protege suas sementes do fim do mundo

Veja Rosa Lia falando mais ao Metrôpoles sobre o Cofre do Fim do mundo e a participação do na iniciativa:

A salvação das lavourasAs sementes guardadas em Svalbald são espécies de cópias de segurança de materiais selecionados pelos países que fazem os depósitos. São sementes "repetidas", para serem retiradas em caso de emergência. E a única emergência a motivar uma retirada, até hoje, foi a destruição do banco de sementes de Aleppo, na Síria, como consequência da guerra civil que o país enfrenta desde 211.

"A Síria era uma das sedes de um instituto internacional de agropecuária para zonas desérticas chamado Icarda, que tem bases ainda no Marrocos e no Líbano. Quando o da Síria foi destruído, os pesquisadores conseguiram fugir para os outros países, mas perderam seu material de trabalho, as sementes sírias. Eles então pediram a retirada, em 215, replantaram em locais seguros e puderam devolver novas amostras para serem preservadas em Svalbald", relata Rosa Lia.

Bancos de sementes da EMBRAPA no DF. Brasília(DF), 1/5/222

Em Brasília, sementes brasileiras são preparadas para ser enviadas ao Cofre do Fim do Mundo, em Svalbald

Bancos de sementes da EMBRAPA no DF. Brasília(DF), 1/5/222

Aluana Gonçalves de Abreu, supervisora de Curadorias de Germoplasma Vegetal da Embrapa **Recursos** Genéticos e Biotecnologia

Bancos de sementes da EMBRAPA no DF. Brasília(DF), 1/5/222

Na Embrapa **Recursos** Genéticos e Biotecnologia, as sementes ficam em câmaras seguras, com tem-

peratura a -18°C

Bancos de sementes da EMBRAPA no DF. Brasília(DF), 1/5/222

Segurança é reforçada no Banco de Sementes da Embrapa em Brasília

Bancos de sementes da EMBRAPA no DF. Brasília(DF), 1/5/222

Local conserva sementes e as próprias plantas. Na foto, Márcia Ribeiro, analista da Embrapa

Bancos de sementes da EMBRAPA no DF. Brasília(DF), 1/5/222

Os funcionários secam as sementes antes de guardá-las em saquinhos lacrados

Bancos de sementes da EMBRAPA no DF. Brasília(DF), 1/5/222

Criogenia também faz parte do portfólio de técnicas de conservação

Bancos de sementes da EMBRAPA no DF. Brasília(DF), 1/5/222

Aviso de risco biológico no Banco de Sementes da Embrapa, em Brasília

Bancos de sementes da EMBRAPA no DF. Brasília(DF), 1/5/222

Amostras de sementes decoram a entrada do banco de germoplasma da Embrapa em Brasília

O milho perdido do povo indígena KrahôA versão brasileira do Cofre do Fim do Mundo também tem histórias desse tipo para contar. Além de salvarem o Trigo Veadeiro, as sementes guardadas em Brasília ajudaram o povo indígena Krahô (a pronúncia é craô), que vive no nordeste do Tocantins, a recuperar

Continuação: No DF e na Noruega, Brasil protege suas sementes do fim do mundo

parte de sua cultura tradicional.

Intensamente assediados pelos brancos desde o primeiro contato, há mais de 2 anos, os Krahô foram levados, nos anos 1980, a abandonar seus cultivos tradicionais de milho para tentar maior produtividade com espécies comerciais. Mas o plano não deu certo, porque os indígenas não conseguiram se adaptar às técnicas exigidas pelas variedades vendidas por empresas do agronegócio, e as comunidades acabaram se vendo sem milho algum.

"Mas os indígenas mais velhos lembravam que a Embrapa havia coletado sementes crioulas na década de 1970 e vieram nos procurar. As sementes estavam aqui, e conseguimos ajudá-los a reintroduzir essas variedades tradicionais", conta, com orgulho, o analista da Embrapa Cássio Curi, que trabalha no setor que prepara as sementes para serem guardadas por tempo indeterminado nas câmaras frias.

sobre a conservação de sementes na Embrapa **Recursos** Genéticos e Biotecnologia vendo a entrevista do Metrôpoles com a pesquisadora Aluana Gonçalves de Abreu, supervisora de Curadorias de

## Germoplasma Vegetal:

O esforço da Embrapa e de outras instituições para coletar e guardar as sementes de plantas agriculturáveis no campo começou a ser feito de maneira sistemática na década de 1970. Na época, os pesquisadores temiam que a introdução de sementes de variedades comerciais fizesse com que as plantas crioulas acabassem desaparecendo para sempre.

Décadas depois, o trabalho de coleta continua sendo feito, mas hoje os bancos de sementes também devolvem à sociedade, sempre que necessário, os tesouros que guardam.

Receba notícias do Metrôpoles no seu Telegram e fique por dentro de tudo! Basta acessar o canal: <https://t.me/metropolesurgente>.

## Empresa inova no registro de Marcas e Patentes - Por Dentro de Minas

A Mark 33 foi fundada na cidade de São Paulo em 2018 pela especialista em marcas Natália Almeida. A empresa nasceu a partir do desejo da empreendedora de tornar o serviço de registro de marcas e patentes mais transparente e acessível para pessoas físicas e empresas. Depois de três anos a firma expandiu, e hoje reúne profissionais de diversas áreas para oferecer suporte jurídico e administrativo para empresas de todos os portes, com foco em pequenos e médios negócios.

Depois de uma longa experiência em um escritório que oferecia o mesmo tipo de serviços, Natália percebeu que o mercado era carente por profissionais que auxiliassem no registro de marcas e patentes de forma mais honesta, já que por tratar-se de um tema ainda pouco difundido e que causa muitas dúvidas, era comum haver omissão de informações e até mesmo cobranças abusivas ou indevidas. Tal fato é responsável também pela desconfiança dos empresários, que preferem priorizar investimentos em outras áreas da empresa, antes de garantir seus direitos de marca assegurados oficialmente. O registro de marcas, principal serviço oferecido pela Mark 33, é a única forma de garantir a exclusividade de uma marca no segmento em que a empresa atua. Natália explica que é comum que os empreendedores confundam o registro do nome fantasia na junta comercial ou cartório com o registro de marca. Embora sejam passos importantes, estes não garantem exclusividade de uso do nome, e o único órgão normatizador de marcas no Brasil é o **INPI**.

Os benefícios de ter o registro ainda não são claros para grande parte dos empreendedores no Brasil. Sabendo disso, a Mark 33 tem a transparência como

base de suas diretrizes. Investir no direito de uso de uma marca é tão, ou mais, importante do que na comunicação e publicidade da mesma. Uma empresa que faz altos investimentos em branding, fachada do ponto comercial, website e outras ferramentas, por exemplo, e que não tenha o registro da marca, pode perder todo o valor investido por não poder mais utilizá-la em nenhum canal ao descobrir que ela já foi registrada anteriormente. Natália comenta que é preciso conscientizar as pessoas de que o registro de marca é um investimento e não um custo como muitos pensam, e ainda pelo contrário, trocar de marca após ter uma empresa consolidada pode ter um custo muito maior do que registrá-la logo no início da operação.

Apesar de ter um escritório físico na cidade de São Paulo, os serviços da Mark 33 estão disponíveis através do site da empresa, sendo possível realizar todo o processo de registro de marcas e patentes de qualquer lugar do país, ou até mesmo fora dele. A presença digital é um grande diferencial, já que a empresa nasceu com o propósito de otimizar a rotina dos pequenos empresários em todos os âmbitos. Natália sentiu na pele os desafios de conciliar os afazeres da vida pessoal e profissional ao começar a empreender, por isso desde o início optou por priorizar a praticidade em seu modelo de negócio. A contratação e acompanhamento dos processos é feita através de uma plataforma segura e a política de privacidade segue estritamente as leis de proteção de dados na internet. Tendo a honestidade como princípio, a Mark 33 faz questão de trazer o máximo de informações sobre os processos, mesmo antes da contratação, e presta suporte dedicado a sanar as dúvidas dos clientes desde o primeiro atendimento.

Continuação: Empresa inova no registro de Marcas e Patentes - Por Dentro de Minas

Natália explica que sua motivação para o trabalho da Mark 33 vem da consciência de que ter o pequeno "R" atrelado ao nome de uma empresa (ícone obtido após o registro) significa mais do que ter uma marca legalmente estabelecida. Este ícone é símbolo de uma empresa confiável e renomada. Fator extremamente valioso dentro de um mercado tão competitivo como o atual. Empresas que possuem

registro de suas marcas e patentes são comercialmente mais valiosas, seus produtos têm melhor posicionamento e a própria empresa pode triplicar seu valor de repasse em uma situação de venda ou ao despertar o interesse de um investidor.



## Índice remissivo de assuntos

**Pirataria** | Biopirataria  
3

**Marco** regulatório | INPI  
7